

**KEILA APARECIDA DE OLIVEIRA PEREIRA**



**O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**BELO HORIZONTE**

**2011**

**KEILA APARECIDA DE OLIVEIRA PEREIRA**



## **O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Prof. Juliana Gouthier Macedo

**BELO HORIZONTE**

**2011**

Pereira, Keila Aparecida de Oliveira

O Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil:  
Especialização Em Ensino de Artes Visuais / Keila Aparecida de  
Oliveira Pereira. - 2011

31 f.

Orientador (a): Juliana Gouthier Macedo.

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de  
Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de  
especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino I. Macedo, Juliana  
Gouthier II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de  
Belas Artes III. Título.



**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Escola de Belas Artes**  
**Programa de Pós-Graduação em Artes**  
**Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia intitulada *O Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil*, de autoria de Keila Aparecida de Oliveira Pereira, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof.<sup>a</sup>. Juliana Gouthier Macedo (orientadora)

---

Prof. Amir Brito Cadôr - EBA/UFMG

---

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha  
Coordenador do CEEAV  
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2010

## **Agradecimentos**

*Agradeço a Deus, que me deu força e coragem para vencer mais esse desafio. Agradeço a minha família, meus filhos e meu esposo que tiveram paciência em esperar nos momentos de ausência. Agradeço também aos professores, tutores, todos da coordenação do curso e em especial minha orientadora Juliana.*

## **Dedicatória**

Dedico esta monografia ao meu esposo Paulo Henrique que tanto me apoiou. Dedico a minha filha Bruna e meu filho Júnior. Dedico também a meus pais e a minha sogra, e a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui.

***“Embora a mente humana mostre-se plenamente acolhedora e receptiva aos estímulos propostos, a plasticidade mental é bem mais intensa nos primeiros seis anos de vida que após esta idade”.***

**Celso Antunes**

## RESUMO

A presente monografia trata da importância das Artes Visuais na Educação Infantil. Faz um breve panorama sobre os caminhos percorridos pelo ensino de Arte no Brasil. Mostra alguns aspectos do ensino de Artes Visuais em Campos Gerais, através de uma pesquisa com educadores da Educação Infantil, mostrando a importância de se trabalhar essa área do conhecimento desde a infância.

**Palavras-chave:** Arte. Artes Visuais. Educação Infantil.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Atividade com alunos de dois anos.....	17
<b>Figura 2</b> – Atividade com alunos de quatro anos (simetria).....	18
<b>Figura 3</b> – Atividade com alunos de três anos.....	18
<b>Figura 4</b> – Atividade com alunos de cinco anos.....	20
<b>Figura 5</b> – Atividade com alunos de cinco anos.....	20
<b>Figura 6</b> – Atividade com alunos de um ano e quatro meses.....	21
<b>Figura 7</b> – Atividade com alunos de cinco anos.....	22
<b>Figura 8</b> – Atividade com alunos de quatro anos.....	23

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>1 Contextualizando e Tecendo Relações:</b> breve panorama sobre o Ensino de Arte no Brasil.....	<b>12</b>
1.1 Minha trajetória como aluna do Ensino de Artes Visuais.....	13
<b>2 Outras Experiências:</b> entrevista com alguns professores da Educação Infantil de Campos Gerais.....	<b>17</b>
<b>3 Buscando Alternativas:</b> algumas reflexões sobre o Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil a partir desta pesquisa.....	<b>24</b>
3.1 Arte e Artesanato.....	25
3.2 Dialogando com a Pintura, a Modelagem e o Desenho .....	26
<b>Considerações finais.....</b>	<b>28</b>
<b>Referências.....</b>	<b>30</b>
<b>Apêndice.....</b>	<b>31</b>

## Introdução

A presente monografia trata da importância do ensino de Artes Visuais na Educação Infantil. Este campo do conhecimento é importante na Educação Infantil, pois nessa fase a criança necessita de possibilidades de se desenvolver através da livre expressão e do fazer artístico, explorando e tendo contato com diversos materiais, podendo ampliar o sentido de fazer parte do mundo ao qual está inserida.

O ensino de Artes Visuais tem sido, na maioria das vezes, tratado como mero passatempo, onde se desenvolve atividades destituídas de significados, tanto para o educando quanto para o educador. Na Educação Infantil os educandos têm a possibilidade de um maior contato com as Artes Visuais. Por isso, é importante investir na formação do educador nesse campo do conhecimento para que este possa intervir com mais competência nas atividades artísticas, estimulando nos educandos uma aprendizagem significativa.

Este trabalho foi desenvolvido a partir da percepção de que a Arte ainda é considerada por muitas pessoas como algo menor, menos importante na formação humana do que os outros campos do conhecimento. A idéia foi, a partir de uma pesquisa de campo, detectar alguns dos principais desafios presentes no cotidiano escolar e refletir sobre possíveis caminhos, tentando mostrar como a Arte pode ser valiosa e prazerosa em sala de aula, levando o educando a pensar sobre suas ações. Muitas atividades já são desenvolvidas com as crianças, mas muitas vezes descontextualizadas, sem significado ou ainda organizadas em função de outras áreas do conhecimento.

O capítulo I aborda a trajetória do ensino de Arte na Educação infantil a partir de um breve panorama sobre o ensino de Arte no Brasil. Este, por sua vez, se relaciona com as minhas experiências pessoais nesse campo do conhecimento, desde a pré-escola até a faculdade, quando tive a oportunidade de conhecer um pouco sobre as Artes Visuais, além de dialogar com a experiência neste curso de especialização.

O capítulo II trata de uma pesquisa realizada com professores de educação infantil de Campos Gerais, que responderam um questionário. Nesse momento também foram registradas algumas das atividades realizadas por eles em sala de

aula, através de fotografias. A entrevista buscou saber o que os educadores pensam sobre o ensino de Arte, se acham importante o trabalho com Artes Visuais e como trabalham essa área do conhecimento com as crianças pequenas e, ainda, se interessam em ampliar seus conhecimentos. As respostas foram analisadas a partir de pressupostos teóricos que fundamentam o ensino de Arte contemporâneo, como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e as publicações do curso de Especialização, dentre outros. Também foram considerados para a reflexão os desafios enfrentados pelos educadores e as possibilidades de uma formação mais significativa em Artes Visuais envolvendo os professores que atuam na Educação Infantil.

Já no capítulo III são levantadas algumas alternativas para se ampliar o trabalho com Artes Visuais em sala de aula, pensando em atividades que possam ser desenvolvidas no sentido de possibilitar a construção do conhecimento e recusando ações voltadas apenas para relaxar ou para passar tempo. A reflexão é desenvolvida a partir do apoio teórico nas publicações do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI),

## **1. Contextualizando e tecendo relações: breve panorama sobre o Ensino de Arte no Brasil**

Na História do ensino de Arte no Brasil há várias idas e vindas na tentativa de democratizar o Ensino de Arte. Começando pelos jesuítas e mais tarde com a Academia Imperial de Belas Artes e a missão francesa, os processos de investimento e reconhecimento da Arte na educação nunca foram fáceis.

Nesse processo é importante ressaltar ações como a de Rui Barbosa, que atuou na defesa da Arte como disciplina obrigatória nas escolas primárias e secundárias. Outro momento significativo foi quando, na década de 1920, houve uma valorização do desenho infantil.

No momento em que a criança conquista seu lugar como sujeito, com características próprias, deixando de ser apenas um projeto do adulto, há um olhar focado na livre expressão do desenho infantil, valorizado como objeto para o estudo cognitivo (GOUTHIER, 2009, p.11).

Se nesse período a Arte chegou a conquistar um espaço nos currículos escolares, a valorização da livre expressão trouxe consigo equívocos e desvios de concepções que a colocaram como um meio para se estudar outras áreas ou ainda com fins exclusivamente decorativos. De acordo com Gouthier (2009) a Arte era usada para o ensino de desenho geométrico, e interpretada, na maioria das vezes, como uma ilustração do conteúdo estudado. Assim, a Arte passou a estar presente, mas esvaziada de possibilidades e de conteúdo próprio, sendo utilizada a favor de outras áreas do conhecimento.

Segundo Barbosa (2003), o desenho e os trabalhos manuais eram a última etapa para completar a exploração de um determinado assunto. Uma aula explorava determinado tema em vários aspectos e terminava pelo convite aos alunos para desenhar e fazer trabalhos manuais. Por exemplo, ao final de uma aula sobre horticultura e jardinagem, crianças desenhavam um jardim ou uma horta.

Por volta de 1930 começou a ganhar espaço no Brasil as escolas de Arte para crianças e adolescentes. Crianças de oito a quatorze anos tinham aulas de desenho, música e pintura gratuitamente. Mário de Andrade, entre outros, teve uma contribuição muito importante para a valorização do desenho infantil. De acordo com Barbosa (2003) seus artigos de jornal muito contribuíram para a valorização da atividade artística da criança como linguagem complementar, como Arte desinteressada e como exemplo de espontaneísmo expressionista.

Já no final de 1930, com o Estado Novo, a educação é prejudicada e conseqüentemente o Ensino de Arte. Barbosa (*apud* GOUTHIER, 2009), relata que

de 1937 a 1945 o estado político ditatorial implantado no Brasil, afastando das cúpulas diretivas educadores de ação renovadora, travou o desenvolvimento da arte-educação e solidificou alguns procedimentos, como o desenho geométrico na escola secundária e na escola primária, o desenho pedagógico e a cópia de estampas usadas para as aulas de composição em língua portuguesa (p.13).

Segundo Barbosa (2003), não acontece a partir daí, uma reflexão acerca da arte/educação vinculada à especificidade da Arte, como fizera, por exemplo, Mário de Andrade. Os professores trabalham a Arte como um viés utilitário, para treinar o olho e a visão ou, como processo de liberação emocional. Até escolas de Educação Infantil foram fechadas. A prática de Arte nas escolas públicas primárias foi dominada em geral pela sugestão de tema e por desenhos alusivos a comemorações cívicas, religiosas e outras festas.

O golpe de 1964 também refletiu na educação e no ensino de Arte, deixando marcas profundas. Apesar dos movimentos e do esforço de artistas e educadores para a sua valorização, as resistências e falta de compreensão com esse campo do conhecimento persistem até hoje. Persistem como um desafio para a conquista do seu lugar importante em toda a educação, como pontua Pimentel (2009), colocando-a como a principal manifestação da capacidade criadora do homem.

### **1.1. Minha trajetória como aluna do Ensino de Artes Visuais**

Ao começar a pré-escola, com seis anos, a minha primeira atividade relacionada à Arte foi a de colorir um palhaço bem maior que eu, quando gastei uma

caixa de lápis de cor. Não foi uma experiência muito agradável, pois minhas mãos doeram muito. Depois, vieram algumas atividades mais prazerosas como a observação da natureza e a pintura. Não havia variedade de materiais e o que fazíamos era sempre a mesma coisa, colorir e colar.

Na quinta série do ensino fundamental, atual sexto ano, tinha a *Educação Artística*<sup>1</sup>, com apenas uma aula por semana, quando apenas desenhávamos, quase sempre fazendo cópias e com todos sendo aprovados com a nota máxima. Como não havia qualquer dificuldade com a aprovação, considerávamos que eram aulas sem muita importância. Além disso, da imensa lista de materiais, muitas coisas não se usava. No ensino médio, a escola não oferecia aulas de Arte.

Sempre gostei de criar, pintar, fazer artesanato e olhar as pinturas de grandes artistas, observando seus detalhes. Mas, se por um lado gostava de Arte, por outro me sentia incomodada com as limitações impostas na escola, com aulas voltadas para datas comemorativas e para colorir desenhos prontos.

Ao iniciar o curso Normal Superior, me envolvi com estudos mais aprofundados sobre a Arte, a partir de algumas obras famosas, seus autores, as técnicas usadas e os momentos mais significativos ao longo da história. Participávamos de oficinas, de construção de materiais pedagógicos e de exposições dos nossos trabalhos. Ao começar a especialização, com o conhecimento em Artes Visuais ainda restrito, não sabia, por exemplo, distinguir as diferentes expressões como dança, música, teatro e artes visuais. Colocar em um planejamento a confecção de uma lembrança para o dia dos pais ou de bandeirinhas para enfeitar a escola, seria, até então o esperado para uma aula de Artes Visuais.

Não percebia, no entanto, que aulas de Arte precisam ter significado para as crianças, como coloca Lucia Gouvêa Pimentel, ao escrever que um dos desafios diante

de um material a ser trabalhado esteticamente ou de uma obra de arte já finalizada é conseguir propiciar a elaboração do pensamento em que todas as forças intelectuais/emocionais agem em completude (2006, p.140).

Até então trabalhava dentro do senso comum que só deveria participar das aulas

---

<sup>1</sup> Até 1996 as aulas de Arte eram chamadas de Educação Artística, o que veio a mudar com a LDB 9394/96.

quem gosta ou tem facilidade de desenhar, por exemplo. Ou seja, não havia conteúdos próprios para se abordar.

De acordo com Gouthier e Kolb (2009), no ensino de Arte, o importante não é gostar ou não, mas criar oportunidades para que as crianças tenham experiências estéticas cada vez mais ricas e complexas. E isso só é possível, como apontam as autoras, quando essa é entendida como um campo de conhecimento, como algo que nos faz pensar.

Ao nos depararmos com uma obra de Arte se tivermos um pouco de conhecimento, iremos saber que quando o artista fez aquela obra, provavelmente ele pretendia expor/expressar algo. Além disso, ainda segundo as autoras, as produções artísticas servem como base para se discutir questões da Arte, como por exemplo, pesquisas sobre movimento, a cor e a forma para investigar questões estéticas.

Nesse sentido, fica claro que a Arte é bem mais do que mero passatempo ou terapia. Ou seja, é um campo que tem sua importância como pensamento e como forma de expressão, como sintetiza Pimentel:

Arte além de ser um modo de pensar e chegar a produções inusitadas e estéticas propõe novas formas de ver o mundo e de apresentá-lo com registros diferenciados. Também é uma construção humana que envolve relações com os contextos cultural, socioeconômico, histórico e político (2009, p. 24).

Outro aspecto importante, que também se relaciona com o ensino de Arte é o que coloca Paulo Freire (1999), sobre o compromisso dos educadores com a sociedade. Assim, a partir do momento em que decidimos ser professores e melhorar naquilo que queremos compartilhar, usando ação e reflexão, é fundamental percebermos que “o compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas ‘águas’ os homens verdadeiramente comprometidos ficam ‘molhados’, ensopados” (FREIRE, 1999, p.19). Ou seja,

não é possível um compromisso autêntico se, aquele que se julga comprometido, a realidade se apresenta como algo dado, estático, e imutável. Quanto mais me capacito como profissional, quanto mais me utilizo do patrimônio cultural, que é patrimônio de todos e ao qual todos devem servir, mais aumenta minha responsabilidade com os homens (FREIRE, 1999, p.21).

Dessa forma, é sempre possível avançar e, no caso da Arte, é importante perceber que esta pode ser acessível a quem buscá-la. E como todas as áreas do conhecimento, tem seu valor na medida em que pode colaborar com a formação de cidadãos críticos, observadores e capazes de atuar no mundo. De acordo com Freire (1999), se a realidade, criada pelos homens, dificulta-lhes objetivamente seu atuar e seu pensar autênticos, como podem então, transformá-la para que possam pensar e atuar verdadeiramente?

## 2. Outras Experiências: entrevista com alguns professores da Educação Infantil de Campos Gerais

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998), a presença das Artes Visuais na Educação Infantil, ao longo da história, tem demonstrado uma grande diferença entre a produção teórica e a prática. “Em muitas propostas as atividades são entendidas apenas como meros passatempos em desenhar, colar, pintar e modelar com argila ou massinha e são destituídas de significados” (RCNEI, 1998, p.87).

A partir desse pressuposto, busquei junto a algumas instituições de educação infantil de Campos Gerais, conhecer como tem sido o trabalho dos professores no ensino de Artes Visuais.

Foi realizada entrevistas com professores de cinco instituições de ensino, duas escolas privadas, duas municipais e uma filantrópica. Duas atendem apenas a Educação Infantil, outra o ensino fundamental e, nas outras, há também o ensino médio.

Foram entrevistados onze professores. Ao todo, foram contatados vinte, mas nove se recusaram. Ao entregar o questionário aos professores, para que respondessem em casa, ficou agendado um momento para que eu pudesse fotografar uma atividade de Artes Visuais com suas respectivas turmas.

Nesse primeiro momento, ficou evidente certa resistência, devido à falta de conhecimento sobre o assunto. Mesmo as Artes Visuais, sendo um eixo de ensino na Educação Infantil, alguns professores não sabiam do que se tratava e, tão pouco como trabalhar com esse campo do conhecimento.



**Figura 1-** Atividade com alunos de dois anos



**Figura 2-** Atividade com alunos de quatro anos (Simetria)



**Figura 3-** Atividade de Pintura com alunos de três anos

### **Questionário aplicado:**

***1 - Em sua formação você teve acesso ao ensino de Artes Visuais? Se sim, como foi? Se não, você tem alguma informação sobre esse campo de conhecimento? O que você conhece de Arte?***

Os professores que se formaram mais recentemente tiveram por um semestre, aula de Arte e sobre o ensino de Artes Visuais na Educação Infantil. Já os professores mais antigos não tiveram qualquer contato com a Arte em sua formação. Apenas uma disse saber trabalhar com essa área do conhecimento. Dentre os entrevistados, uma professora tem o curso de especialização em ensino de Artes Visuais e outro está fazendo mestrado em Artes.

**2 - Você acha importante o ensino de Artes Visuais na Educação Infantil? Por quê?**

Todos acham importante o ensino de Artes Visuais. Como justificativa apontam o desenvolvimento da criatividade, um meio para que o aluno possa se expressar, ou ainda porque são momentos que as crianças adoram. Nenhum afirmou ser importante como área do conhecimento ou disciplina.

**3 - Como você trabalha a Arte Visual em sala de aula? Os materiais e o espaço são adequados? Dê exemplo de uma atividade artística que desenvolve com as crianças.**

Nesta pergunta podemos conhecer um pouco da realidade e diferenças entre as escolas. Todos os professores da rede municipal dizem não ter espaço nem material adequado. Os das escolas privadas contam com material e espaço, além de turmas reduzidas. Enquanto nas escolas públicas há salas com aproximadamente vinte e cinco, trinta alunos, nas escolas privadas há aproximadamente oito alunos, o que facilita o trabalho docente.

Uma das professoras entrevistadas trabalha em uma escola pública e em uma privada. Ela fez a comparação com relação ao espaço e aos materiais. Na escola particular, por exemplo, diz ter acesso a várias obras e autores, painéis, vídeos e fotos, o que não tem disponível na pública.

**4 - Você acha o ensino de Artes Visuais importante como o de outras disciplinas?**

Todos responderam que acham muito importante o ensino de Artes Visuais. Alguns dizem trabalhar de forma interdisciplinar, mas durante as entrevistas e no contato que tive ao fotografar as atividades, a *interdisciplinaridade* é sempre em função de outras disciplinas, principalmente Português e Matemática. Entre o que foi registrado estão pinturas, colagens e desenhos propostos para a confecção de álbuns de vogais ou de numerais.

Percebe-se que a concepção de trabalho interdisciplinar envolve a Arte apenas na finalização dos trabalhos. Em nenhum momento se percebe um diálogo ou uma valorização de todos os campos do conhecimento envolvidos nas ações.

**5 - Você acha que o professor da Educação Infantil precisa de uma formação em Artes Visuais?**

Todos percebem a necessidade de os professores da Educação Infantil ter alguma formação em Artes Visuais. Apenas uma considera a formação que teve durante o curso de Pedagogia como suficiente. Outro professor disse que não só as Artes Visuais, mas as Artes em geral deveriam fazer parte da formação dos professores para que estes possam trabalhar as diferentes expressões na Educação Infantil, a base da educação. Outra professora, com 22 anos de carreira, disse que só teve acesso ao conhecimento sobre Arte quando fez o curso de especialização em ensino de Artes Visuais.



**Figura 4-** Atividade com alunos de cinco anos



**Figura 5 -** Atividade com alunos de cinco anos



**Figura 6** - Atividade com alunos de um ano e quatro meses

### **Análise das respostas**

Com base nas respostas obtidas constata-se que apesar de uma histórica luta para a valorização do ensino de Arte, ainda há um longo caminho a ser percorrido, que passa por questões como as citadas por Pimentel (2009):

saber como a arte é concebida e ensinada na escola, como se expressa em cada cultura e que significado tem para um indivíduo e para a sociedade é importante para que possam ser planejadas as ações necessárias para seu ensino/aprendizagem (2009, p. 24).

Contudo, fica claro que o grande desafio dos professores, principalmente os da Educação Infantil, que trabalham com diferentes campos de conhecimento é a oportunidade de uma formação mais abrangente, que dê condições para que ele possa elaborar suas aulas com o conteúdo necessário. É o que sintetiza Pimentel ao ressaltar que "conhecer os vários métodos e construir metodologias adequadas a cada situação é tarefa de extrema importância" (2009, p. 24).

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil devem ser trabalhados, juntos, o pensamento, a sensibilidade, a imaginação, a percepção, a intuição e a cognição da criança, para favorecer o desenvolvimento das capacidades criativas das crianças (BRASIL, 1998, p.91). Partindo dessa concepção, ao analisar as entrevistas e observar a prática, há uma grande distância entre o discurso e a prática.

Se o ensino de Artes Visuais faz parte do currículo da Educação Infantil, isso não tem garantido que as atividades sejam trabalhadas de forma efetiva. Além dos

espaços inadequados e da falta de materiais, fica evidente a necessidade de oportunidades para uma melhor formação dos professores.

Outra questão, que ficou clara nesse processo é a pouca valorização da cultura local. Principalmente nas escolas particulares onde as atividades são desenvolvidas a partir de materiais didáticos, como apostilas produzidas fora da cidade, a cultura local é deixada de lado. Ao se valorizar as referências regionais, pensa-se, por exemplo, em perceber possibilidades de uso dos materiais disponíveis no meio ambiente, até mesmo no entorno das escolas.

Também merece ser pontuada a falta de liberdade das crianças para a realização das atividades. Há uma preocupação excessiva com determinados padrões estéticos e de acabamento. Muitas vezes são propostas atividades com uma expectativa no produto final e, como as crianças não conseguem realizar as atividades como o esperado, algumas professoras acabam intervindo para que 'fique bem feito'. Esse tipo de ação, apesar de comum, caminha no sentido oposto ao que propõe o referencial curricular, já que prejudica a criatividade das crianças e limita a compreensão de que o fazer artístico é algo que pode e deve ser construído pelas próprias crianças, em sintonia com suas potencialidades.

Ao acompanhar as aulas, percebe-se, por um lado, as diversas oportunidades de se trabalhar com as Artes Visuais na Educação Infantil a partir de atividades cotidianas como as de modelar com massinhas, pintar com o dedo, bucha ou pincel, fazer desenho livre, observar gravuras com a orientação dos professores, fazer colagem, brincar de riscar o chão ou desenhar o corpo dos colegas. Mas, por outro, fica claro, nas formas de intervenções e propostas como essas ações ficam muitas vezes soltas e fundamentadas no fazer por fazer. Ou seja, por falta de preparo da maioria dos professores, as atividades não são potencializadas como poderiam.



**Figura 7** - Atividade com alunos de cinco anos.



**Figura 8** - Atividade com alunos de quatro anos.

### **3. Buscando alternativas: algumas reflexões sobre o Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil a partir desta pesquisa**

A maioria das atividades ainda fica restrita a mero passatempo, a momentos de relaxamento. Vários educadores usam as aulas de Artes Visuais como atividades psicomotoras, terapêuticas, ou coisa parecida, podendo a criação, a possibilidade do desenvolvimento do pensamento artístico e da pesquisa artística. Em vários momentos pode-se ouvir educadores dizendo que deixam as aulas de Artes Visuais para o final da aula, pois os alunos já estão cansados e essas atividades são, a princípio, para relaxar. Com certeza as aulas podem, e devem, ser prazerosas. Toda criança adora manipular massinha, argila, pintar ou fazer colagens, mas como lidar com esses materiais e, de fato, estimular a pesquisa, a criatividade e a percepção visual, por exemplo? O que esses momentos podem acrescentar ao conhecimento dos educandos, sendo tratados apenas como terapia, deixar fazer por fazer?

Como coloca o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI), os alunos necessitam de estímulo e liberdade para a execução das atividades e também da orientação do educador. Porém cabe aos educadores, principalmente os da Educação Infantil, ficarem atentos para que suas orientações não limitem a liberdade que o educando necessita para realização das atividades, evitando também mais intervenções do que as crianças demandariam.

Muitas vezes o educador que trabalha com crianças pequenas acredita que elas não terão capacidade de realizar uma atividade como pintura, por exemplo, sem sua ajuda e acaba por interferir na criação do educando, segurando sua mão ou indicando a cor que deverá usar. Se o que a criança dá conta de fazer é considerado mal feito ou mal acabado, as aulas se tornam sem sentido, tanto para a criança, como para o adulto, que não verá o trabalho, efetivamente delas, no resultado final, como é ressaltado no RCNEI

A criança tem suas próprias impressões, idéias e interpretação sobre a produção de arte e o fazer artístico. Tais construções são elaboradas a partir de suas experiências ao longo da vida, que envolvem a relação com a produção de arte, com o mundo dos objetos e com seu próprio fazer. As crianças exploram, sentem, agem, refletem e elaboram sentidos de suas experiências (BRASIL, 1998, p.89).

Outro desafio encontrado nas observações é que, o ensino de Artes Visuais na Educação Infantil em Campos Gerais, na maioria das vezes é voltado para finalização de trabalhos de outras disciplinas, mantendo concepções superadas teoricamente. Nesse sentido, Coutinho (2006), lembra da importância de os professores construírem finalidades para o ensino da Arte. Para ela, isso é possível quando reafirmamos nosso compromisso político como educadores e, entre outras coisas, reavaliemos nossas concepções, situando nossos interesses e direcionando nossas propostas de ensino para um lugar de construção de conhecimento.

### **3.1. Arte e Artesanato**

Nessa discussão, não poderia deixar de lado um contraponto de reflexão, que são as obras feitas por gente que não frequentou nenhuma escola de Arte, mas que consegue resultados e se destaca com seus trabalhos, com o que chamamos de Arte popular. Além de ser uma forma riquíssima de trabalhar com as crianças, pela carga expressiva de muitos trabalhos, através desse recorte pode-se levar, inclusive aos pais e à comunidade, a valorização dos artistas regionais.

De acordo com Ângela Mascelani (2011), para muitas pessoas, prestar atenção nos diversos estilos, cores e materiais que compõem as obras dos artistas populares pode ser um caminho para desvendar um mundo de Arte desconhecido e pouco valorizado. Nesse sentido, segundo a autora, conhecer a produção popular é conhecer melhor o Brasil e os brasileiros.

Essa perspectiva também se relaciona com o que Pimentel (2009) coloca ao dizer que devemos conhecer a produção humana do passado, para nos comprometermos com a produção de um ensino contemporâneo, levando em conta as manifestações da Arte que estamos vivendo, do cotidiano social/cultural/individual de quem ensina/aprende. Assim, outro desafio importante para os educadores é a problematização de diferentes concepções de Arte e de artesanato, diferenciadas por Saturnino como: “A arte surge de um conhecimento intuitivo, concreto e imediato e nos faz compreender um sentido do mundo. No artesanato, o fazer manual é que importa” (2009, p. 9).

Ainda na mesma discussão, um exemplo é o trabalho com pigmentos encontrados na natureza, materiais diferentes que podem atrair a atenção, despertar a curiosidade e serem explorados para o desenvolvimento da criatividade e a construção do conhecimento. Para uma criança, a possibilidade de descobrir que os pigmentos presentes na terra podem ser usados para fazer tinta e realizar diferentes tipos de pinturas pode ser uma experiência bastante significativa. Levar para o contexto da sala de aula as possibilidades como a de se trabalhar com esses pigmentos, o buscando suportes e maneiras diferentes de realizar pinturas, é um exemplo para proporcionar a seus educandos experiências significativas em Arte, como defende o RCNEI.

### **3.2. Dialogando com a pintura, a modelagem e o desenho.**

Através da pintura, assim como em outras expressões artísticas, o educando pode manifestar seus sentimentos e questões sobre a realidade que o cerca, sem que tenha um modelo a seguir. Assim, é importante que o educador respeite os trabalhos produzidos por seus educandos, como, por exemplo, não escrevendo sobre eles e, tão pouco dando “aquele toque final”, mesmo que sutil. Respeitar o potencial dos educandos é antes de tudo respeitar o limite de seu desenvolvimento e se relaciona com o que diz Volpini sobre a pintura, que para ele

pode ser descrita como a arte de apresentar fatos naturais, idéias, sentimentos e materialidade com o auxílio de pigmentos ou de qualquer outro corante sobre uma superfície bidimensional e, contemporaneamente, também tridimensional. A pintura abstrai formas da realidade adaptando-as de acordo com as intenções do pintor ou artista e os materiais e técnica(s) que este utiliza. Ou pode criar suas próprias formas, tonalidades e relações compositivas, partindo das sugestões dos materiais, ou conforme as visualizações e ideais do autor (VOLPINI, 2009, p.34).

Assim, explorar a mistura de cores, dos pigmentos naturais e de suportes diferenciados, além de oferecer contato com diversos materiais pode levar as crianças a criarem em sintonia com a sua realidade. Essa questão se relaciona também com a argila, um material comum no interior do país com inúmeras possibilidades de aplicação e que pode ser trabalhado no campo das Artes Visuais de forma concreta e significativa para os educandos, através, por exemplo, de exercícios a partir dos procedimentos técnicos que esse demanda.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), as atividades que envolvem os mais diferentes tipos de matérias indicam às crianças possibilidades de transformação e de construção de novos elementos, formas e texturas. A relação que a criança pequena estabelece com os diferentes materiais se dá por meio da exploração sensorial e da sua utilização em diversas brincadeiras. Representações bidimensionais e construção de objetos tridimensionais nascem do contato com novos materiais, no fluir da imaginação e no contato com as obras de Arte.

Um trabalho desenvolvido em sala de aula com a argila como matéria prima pode, por exemplo, envolver movimentos ou artistas de diferentes épocas e lugares, como da Grécia antiga ao Vale do Jequitinhonha nos dias atuais. De acordo com CRISTELLI (2009) as imagens, formas, massas, vazios, linhas, espaços e tempos, somados a infinitos sentidos, são os elementos dessa expressão que se caracterizam pela atitude do fazer, incorporando ao seu processo de construção praticamente todos os recursos possíveis.

Ainda de acordo com o RCNEI (1998) é interessante propor às crianças que façam desenhos a partir da observação de diversas situações, cenas, pessoas e objetos. Em relação ao corpo humano, as crianças podem, por exemplo, perceber as formas arredondadas dos calcanhares, distinguir os diferentes tamanhos dos dedos, das unhas, observar a sola do pé e a parte superior dele, bem como as características que diferenciam os pés de cada um.

Outro aspecto abordado no documento é sobre a importância de se explorar a diversidade de materiais e suportes. Riscar com graveto no chão, na areia, desenhar sua mão, seus pés ou o pé e a mão do colega são experiências sutis e, ao mesmo tempo, bastante significativas na elaboração do desenho infantil. Se a criança desenha sem saber ao certo o que está desenhando isso não diminui o valor dessas ações. Segundo o RCNEI (1998), enquanto desenhavam ou criam objetos também brincam de “faz de conta” e verbalizam narrativas que exprimem suas capacidades imaginativas, “ampliando sua forma de sentir e pensar sobre o mundo no qual estão inseridas” (p.93)

## Considerações finais

As marcas deixadas na educação pela ditadura militar e, conseqüentemente no ensino de Arte, são sentidas até hoje. A falta de conhecimento a respeito do que essa área do conhecimento pode desenvolver nos educandos contribui para essa desvalorização e para o fato de ser vista como algo menor no campo da educação.

Infelizmente na atualidade nem a Educação Infantil nem o ensino de Artes Visuais são devidamente valorizados pela sociedade e pelos educadores. A maioria das aulas de Artes Visuais é tratada, ainda, como mero passatempo, terapia e exercícios de relaxamento. Mas, ao se perceber, que esse descaso acontece pela falta de conhecimento do que na verdade seja o ensino de Artes Visuais, fica evidente a importância de um investimento, pessoal e institucional, nesses campos.

Nas entrevistas pude perceber que alguns educadores sequer sabiam o que é Artes Visuais, como trabalhar com essa área e, muito menos, o que ela pode contribuir na construção de conhecimento e na formação das pessoas.

O fato de as Artes Visuais serem tratadas por parte do Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil não assegura sua presença nos projetos pedagógicos e nos planejamento dos educadores da maioria das instituições das redes públicas e privadas de ensino. Criado em 1998 é um material excelente como orientação para o trabalho com Artes Visuais. Não traz atividades prontas nem receituário e, por ser destinado a todo Brasil, não prioriza costumes de nenhuma região.

Nas escolas onde há um maior investimento nas atividades de Artes Visuais, estas são realizadas junto com as demais áreas do conhecimento, ou seja, trabalhasse algo de Português e finaliza-se com Artes Visuais. Não há também uma preocupação com a valorização da cultura local, principalmente devido ao uso de modelos apresentados por apostilas, que, na maioria das vezes, não considera as diversidades regionais.

Se a maioria dos educadores entrevistados, que atuam há vários anos na Educação Infantil, não tiveram oportunidade de conhecer melhor as Artes Visuais, os que se formaram recentemente já tiveram acesso a um conhecimento básico, mas que ainda não garante que poderão valorizar esta área do conhecimento tão importante para o desenvolvimento dos educandos.

Percebe-se que o fato de a Educação Infantil ter sido incluída como uma etapa da educação básica somente na constituição de 1988 - e, mesmo assim, começou a ser adequada à lei há pouco tempo - contribui para que o ensino de Artes Visuais para as crianças pequenas, não tenha o devido reconhecimento e a mesma importância atribuída às outras áreas do conhecimento.

Outro ponto interessante levantado a partir desse trabalho foi o de perceber a vontade que os educadores possuem em se qualificar para o ensino de Artes Visuais. Ou seja, eles percebem que há lacunas na formação e que, para trabalhar melhor com a Arte, precisam conhecê-la melhor. A grande maioria reconhece que ainda é mais importante para quem trabalha com a Educação Infantil, pelo fato de que as atividades artísticas fazem parte do cotidiano das crianças.

Ou seja, o conhecimento nos torna mais críticos e capazes de pensar maneiras de solucionar problemas. Em nossa vida, nos deparamos com diversas situações que na maioria das vezes não é relacionado com a Matemática, por exemplo, mas com o pensamento artístico. O ensino de Artes Visuais, além de prazeroso é enriquecedor, se relacionando com a estética, a liberdade de criação, a percepção e os modos de ver o mundo.

Como foi visto no decorrer desta monografia, há ainda um longo caminho a ser percorrido para que se possa efetivamente melhorar o ensino de Artes Visuais na Educação Infantil. Vimos que os professores, mesmo com pouco conhecimento sobre Artes Visuais tentam fazer seu trabalho da melhor maneira possível. E, se as atividades propostas por todos têm a ver com as Artes Visuais, deixa a desejar em alguns aspectos, como na compreensão dos limites dos trabalhos realizados por crianças e nas, muitas vezes, excessivas intervenções em suas produções.

Trabalhar esta área do conhecimento proporcionando estímulos para o desenvolvimento da criatividade e do senso crítico dos educandos, aproveitando os materiais e os espaços disponíveis a favor do conhecimento em Arte é, enfim, um dos muitos e importantes desafios postos aos educadores infantis.

## Referências

- ANTUNES, Celso. *Educação Infantil*. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BARBOSA, Ana Mae. “*Arte educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo*”. Revista digital Art&. n.0, out. 2003.
- BRASIL, Ministério da Educação . *Lei nº 9394/96: Diretrizes e Bases da Educação Nacional* Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil*. Artes Visuais. Vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- COUTINHO, Rejane. *O compromisso Político do professor com o ensino de Arte*. XVI Confaeb – Ouro Preto/2006 - texto ainda não publicado.
- CRISTELLI, João. *Escultura e Modelagem*. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008.
- FREIRE, Paulo. *O Compromisso do Profissional com a Sociedade*. In: Educação e Mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999 (p.15 a 25).
- GOUTHIER, Juliana. *História do Ensino da arte no Brasil*. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008.
- GOUTHIER, Juliana, KOLB, Rosvita. *O que queremos com a Arte?* . In: DALBEN, Angela Imaculada Loureiro de Freitas (org.). *Múltiplas linguagens e formas de interação da criança com o mundo natural e social II: corporeidade, artes e música*. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2009. 62 p.
- MASCELANI, Ângela. SITE MUSEU CASA DO PONTAL. Arte Popular Brasileira. Disponível em: <<http://www.popular.art.br/htdocs/defTexto.asp?artigo=286>>. Acesso em 04 ago. 2011.
- PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. *Metodologias do Ensino de Artes Visuais*. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008.
- SATURNINO, Joice. *Artes da Fibra*. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008.
- VOLPINI, Lincoln. *Pintura*. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008.

## Apêndice

Questionário aplicado:

1 - Em sua formação você teve acesso ao ensino de Artes Visuais? Se sim, como foi? Se não, você tem alguma informação sobre esse campo de conhecimento? O que você conhece de Arte?

2 - Você acha importante o ensino de Artes Visuais na Educação Infantil? Por quê?

3 - Como você trabalha a Arte Visual em sala de aula? Os materiais e o espaço são adequados? Dê exemplo de uma atividade artística que desenvolve com as crianças.

4 - Você acha o ensino de Artes Visuais importante como o de outras disciplinas?

5 - Você acha que o professor da educação infantil precisa de uma formação em Artes Visuais?